

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: PRÁTICAS DA CULTURA CORPORAL DE MULHERES DE TERREIRO

Tereza Luiza de França¹

Denise Maria Soares Lima²

Resumo

No cenário educacional brasileiro, a Educação Étnico-Racial ganha espaços em estudos, pesquisas, diretrizes curriculares pela implantação da Lei n.º 10.639/2003 para Educação Básica e Ensino Superior com a inclusão da Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Categorias como diversidade, discriminação, preconceito, racismo, injúria racial, constituem temáticas representativas na produção do conhecimento em diferentes áreas. Na Educação Física, escolas e universidades incluíram nos currículos e programas, pela obrigatoriedade, disciplinas para atender à legislação. No curso de licenciatura em Educação Física-UFPE, foi incluída a disciplina Educação Física Diversidade e Relações Étnico-Raciais na Escola. Desta, nasceu a problemática deste estudo: como as mulheres de terreiro materializam práticas da cultura corporal que afloram pressupostos da Educação Étnico-Racial com a comunidade? Esta pesquisa valoriza práticas da cultura corporal de mulheres de terreiros em Pernambuco na dimensão da Educação Étnico-racial pela relevância que suas práticas imprimem no real concreto-social. Desdobramento de um projeto mãe, em andamento, conta com a participação de estudantes e/ou monitores da disciplina, cujo objetivo é identificar como se concretizam os pressupostos da Educação Étnico-racial nas práticas da cultura corporal de mulheres de terreiros pernambucanos, que visam eliminar o racismo estrutural e racismo religioso. Metodologicamente, baseia-se na Teoria Crítica e Etnometodológica para análises dos dados coletados por meio de entrevista narrativa e observação participante, a fim de identificar pressupostos da Educação Étnico-Racial que constituem as práticas de mulheres de terreiro pernambucano que contribuem para incorporação de posturas e atitudes antirracistas e fomentar a formação inicial de professores pela inserção de estudantes nos terreiros. Assim, espera-se criar estratégias pedagógicas que estimulem práticas que superem o racismo estrutural e religioso nos terreiros e na graduação em Educação Física e, ainda, produzir e editar um vídeo-documentário construído por estudantes, mulheres de terreiro e a comunidade.

Palavras-chave: Educação Étnico-Racial, Mulheres de Terreiro, Educação Física, Cultura Corporal, Formação Inicial.

Introdução

Convivemos em uma sociedade de relações que impõe amplos e novos desafios que estimulam e exigem empreendimentos e estratégias de caráter inovador, dialógico e, sobretudo, educativo-sócio-cultural. Relações cuja capacidade do homem e da mulher é aguçada para viver relações na sociedade e se lançar para o mundo interferindo e/ou sendo interferido por ele.

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas, como pode objetiva-se pode também distinguir ente um eu e um

¹ Professora da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tereza.franca@ufpe.br;

² Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, denimlima@gmail.com

não-eu. Isso torna um ser capaz de relacionar-se, de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender (Freire, 2007, p. 30).

Nesta direção, conhecimentos e saberes, socialmente construídos e historicamente acumulados, se constituem como centralidades para construir ações articuladas e assegurar práticas científicas, tecnológicas e inovadoras que possam fortalecer, fomentar, desenvolver e consolidar a produção do conhecimento no universo acadêmico e na sociedade.

Esta relação se dá quando a produção da universidade romper e destroçar conhecimentos forjados por concepções com bases colonialistas e segregadoras, pois “uma cultura que tem uma concepção estreita de si própria tende a ter uma concepção ainda mais estreita das outras culturas” (Santos, 2002, p. 18). Ou seja, como tem afirmado o referido autor uma “sociedade patriarcal; produção capitalista; consumismo individualista e mercadorizado; identidades-fortaleza; democracia autoritária; desenvolvimento global desigual e excludente” para defender sua transformação conservadora. Para reforçar essas reflexões, tomamos de Nascimento e Botelho(2010, p. 68) que:

Uma das marcas principais da produção dos estudos sobre a colonialidade é pensar os efeitos de poder que a produção de conhecimento tem no período moderno (no qual, de algum modo, ainda nos encontramos). O fato de que todo e qualquer saber está envolvido em contextos ou projetos de poder é algo já bastante discutido na epistemologia e teoria política contemporâneas.

Essa cultura epistemológica do silenciamento, que perpetua produções acadêmicas com práticas, discursos na esteira do paradigma dominante, expressa valores constitutivos de uma sociedade racista. Sociedade em que o racismo estrutural e estruturante define as regras das relações sociais e da formação dos homens e das mulheres. A luta para desmobilizar se torna imperativa em buscar ações políticas efetivas para o enfrentamento do racismo. O que significa ampliar possibilidades de viver culturas que assegurem a diversidade em realidades sócio-político-culturais.

Neste cenário – para ser possível consolidar a formação na perspectiva de que, efetivamente, assumam o compromisso e a vontade política de transformar o processo ensino-aprendizagem – torna-se necessário que esse processo seja sistematizado à luz

de “paradigma prudente” a fim de potenciar a formação acadêmica com a unidade teórico-prática e com indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão. É imprescindível que essa formação seja nutrida por concepções críticas, reflexivas e abertas para a diversidade de culturas, saberes, e conhecimentos.

Esta pesquisa, fruto dos estudos, das discussões e das reflexões, durante as aulas da Disciplina Educação Física Diversidade e Relações Étnico-Raciais na Escola, incluída no currículo, pela obrigatoriedade Lei n.º 10.639/2003, no Curso de Licenciatura em Educação Física-UFPE, valoriza e reconhece as ações religiosas das mulheres de terreiros em Pernambuco como expressões de práticas da cultura corporal como linguagem na dimensão dos princípios da Educação Antirracista, focadas na relevância de práxis do real concreto-social, em que há espaço para a sensibilidade, humanização, solidariedade, empatia, respeito que resultam em manifestações culturais democráticas e articuladoras.

No tocante à Cultura Corporal como Linguagem, a referência é o Coletivo de Autores (1992), o que significa captar expressões corporais como gestos pertinentes à Cultura Corporal com marcações ritmadas pela cultura antirracista de matriz africana que desvela movimentos fluentes e precisos por meio da cultura afro-brasileira, com vivências que indicam o jogo, dança, esporte, luta e ginástica, conteúdos da Educação Física.

Sobre os princípios da Educação Antirracista, bebemos na fonte dos estudos de Gomes(2022) que classifica como princípios da Educação Antirracista, a saber: não à violência, justiça, ética, reconhecimento da diversidade, alteridade, não à discriminação, respeito à religiosidade, reconhecimento e valorização institucional.

Como Yalorixá, ao olhar e escutar as mulheres de terreiros vivendo e narrando suas práticas cotidianas, naquela ambiência sagrada, de crenças, de religiosidade, de expressividades afro-brasileira, é possível observar de forma cristalina a unidade teórico-prática de expressividades como a dança, xiré-rodas, orô-cânticos, oferendas, do reverenciar, do diálogo com as crianças, jovens, adultos e idosos nos rituais de consagração e em encontros nos Pontos de Cultura³, nos quais comemoram datas

³ Ponto de Cultura manifestações prioritárias como elemento de articulação entre atividades do Programa Cultura Viva, do MinC, por meio do Pontos de Cultura instituições/entidades governamentais ou não governamentais.

significativas para a religião afro-brasileira celebrando os Orixás⁴; realizando jogos; brincadeiras; movimentos ginásticos; lutas; tocar instrumentos; artes; roda de conversas e palestras sobre a língua Yorubá⁵, ensinamentos de solidariedade, empatia, respeito e o sentido e significado dos rituais religiosos. Diante deste cenário, reafirmamos que as mulheres de terreiros desenvolvem práticas da cultura corporal como linguagem, vivida com ação-reflexão-ação, embora a maioria não tenha clareza disso pelo distanciamento das escolas e universidades.

Diante deste contexto reflexivo, nasceram as questões deste estudos: **Que princípios da Educação Antirracista afloram nas manifestações da cultura afro-brasileira vividas pelas mulheres de terreiros? Que expressões e/ou manifestações corporais são vividas com indícios da materialidade da cultura corporal como linguagem nas práticas das mulheres de terreiros? O jogo, dança, luta, esporte, ginástica como são vividos por este coletivo? Quais são os indícios nas práticas de mulheres de terreiros que fortalecem o enfrentamento ao racismo e vislumbram conquistas da Educação Antirracista em nossa sociedade?**

Tais inquietações, mergulhadas nas manifestações de práticas concretas e históricas dessas mulheres, aqui são compreendidas como possibilidades de materializar a Educação Antirracista nos terreiros. As contribuições, resultantes do processo reflexivo acerca dessas questões e seus alcances, ampliaram e potencializaram a formulação do problema de pesquisa na seguinte direção: **Como os princípios da Educação Antirracista alimentam as manifestações afro-brasileiras de mulheres de terreiros, com indícios na materialidade de práticas da cultura corporal como linguagem?** Ao pensar com reflexividade este problema delimitamos por objetivo geral: **analisar como nas manifestações culturais afro-brasileiras vividas pelas mulheres de terreiros de Pernambuco, junto às comunidades, estão presentes os princípios da Educação Antirracista, com indícios na materialidade de práticas da cultura corporal como linguagem.** A partir disso, elaboramos os **objetivos específicos, a saber:**

⁴ Orixás ancestrais africanos que simbolizam energia e força da natureza. Representam personalidade, habilidades e preferências ritos com fenômeno natural. Por exemplo: Iansã-Oyá - deusa dos ventos, Oxum - deusa das águas doces e cachoeiras, Nanã - deusa da lama, Iemanjá - deusa do mar, dentre outros(as).

⁵ Yorubá idioma natural das comunidades de línguas do Sudão, seus escritos iniciais foram no século IX, por cristãos e falado nas diferentes regiões da atual Nigéria. Idioma estritamente oral, usa fonemas latinos, o que infere forma escrita aos sons das palavras ouvidas. Chega ao nosso convívio no período da escravidão, tornando-se a língua geral falada nas comunidades negras. Tem refúgio no candomblé, nas nações Kétu, Èfòn, Ìjèsà, Jeje que adotam costumes culturais Nagôs.

identificar nas manifestações culturais afro-brasileiras vividas pelas mulheres de terreiros pernambucanos, junto sua comunidade, os princípios da Educação Antirracista; compreender como as práticas vividas pelas mulheres de terreiros pernambucanos contribuem para transformações com sentido e significado antirracistas; identificar nas estratégias educativas das práticas de mulheres de terreiros pernambucanos, quais possibilidades de materializar práticas da cultura corporal como linguagem através da dança, jogo, luta, ginástica, esporte; compreender como as práticas vividas pelas mulheres de terreiros pernambucanos enfatizam os princípios da Educação Antirracista rompendo com o racistas, as desigualdades, a exclusão, a discriminação e a intolerância.

Metodologia

Metodologicamente, a teoria crítica e reflexiva é essencial para evitar a reprodução acrítica de representações do mundo e para compreender a complexidade das relações étnico-raciais na sociedade. Ao adotar a Abordagem Etnometodológica significa entender os significados e sentidos atribuídos pelos atores da pesquisa às suas experiências, práticas e relações sociais no contexto das relações étnico-raciais. Isso implica em estarmos atentas não apenas às estruturas e instituições, mas também às interações cotidianas, aos discursos e às representações que circulam no universo dessas relações. Aqui, os terreiros de candomblé.

Essa abordagem exige uma postura crítica e reflexiva por parte das pesquisadoras que devem estar conscientes de suas próprias posições, atitudes e pressupostos teórico-metodológicos. É importante evitar discrepâncias entre as concepções teóricas e os procedimentos de pesquisa, garantindo assim a coerência e a integridade da investigação.

Ao pesquisar a Educação Antirracista, a Abordagem Etnometodológica contribui para o perceber com clareza as ações dos atores, no que diz respeito à capacidade de compreender e questionar as estruturas de poder e as relações de dominação presentes na sociedade, incluindo as questões étnico-raciais.

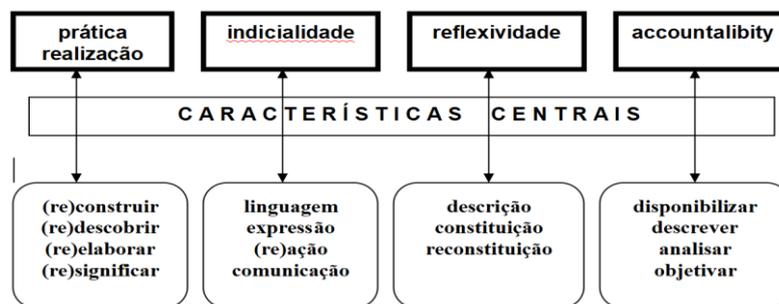
Para o precursor no Brasil da **abordagem etnometodológica**, o autor sociólogo Coulon (1998), a mesma ganha amplas dimensões nas pesquisas de áreas como Educação, Educação Física, Sociologia, dentre outras, a partir da década de 90.

Essa forma de investigação toma novas dimensões, rompendo com um

paradigma considerado tradicionalista, no sentido de não abrir e nem estabelecer diálogos teórico-metodológicos entre objeto, atores pesquisados, contexto e pesquisadores. Com sua abordagem metodológica, o autor buscava compreender como as pessoas, juntas, percebem, descrevem e propõem uma definição de determinada situação.

Como etnoprocedimentos utilizaremos a entrevista narrativa e a observação participante para a coleta dos dados junto aos atores de pesquisa - mulheres de terreiro e, para mantermos o anonimato optamos pela metáfora do Baobá e Orixás. Os dados serão analisados com base nos conceitos-chave: prática e realização; indexalidade, indicialidade; reflexividade; *accountability* e noção de membro.

A seguir, delineamos uma figura acerca dos conceitos-chave. Trata-se do vocabulário particular que facilita compreender e captar, com mais precisão, a importância dos nexos e contrastes das mais diferentes práticas sociais.



Fonte: FRANÇA, 2015, p. 76

Esse olhar e escuta etnometodológica nos leva a ficar sempre atentos(as) às inesperadas pistas, sensações, expressões manifestadas pelos atores de pesquisa, para penetrar e perceber, por todos os sentidos, o universo desenhado pelas suas mensagens que permitem dialogar entre as subjetividades e as objetividades com novos significados da cultura de matriz africana no sentido da Educação Antirracista.

Esperamos desvelar estratégias antirracistas nas práticas afro-brasileiras que mulheres de terreiro realizam em que contemplam interações por mais e mais pessoas e a diversidade no sentido da representação da cultura corporal como linguagem. Espera-se também reafirmar que essas práticas contribuem para enfrentamento às perversas atitudes racistas. Fortalecendo a visibilidade negra e das políticas e ações afirmativas, ações essas que reconhecem, sobretudo, uma reparação político-histórica.

Essa pesquisa tem como problema: **Como os princípios da Educação Antirracista alimentam as manifestações afro-brasileira de mulheres de terreiros e quais indícios de sistematização de práticas da cultura corporal como linguagem?** Definimos como objetivo geral: **Analisar como as manifestações culturais afro-brasileiras vividas pelas mulheres de terreiros de Pernambuco junto à comunidade expressão os princípios da Educação Antirracista com indícios na materialidade de práticas da cultura corporal como linguagem.**

O universo de pesquisa são três terreiros de Pernambuco, escolhidos por acumular rica tradição cultural e religiosa ligada às práticas de matriz africana, como: Águas de Oxalá; Celebração dos Tambores Silenciosos; Feijão de Ogum.

- ❖ 01 terreiro em Recife - Ibura - Terreiro Ilê Axé Ojuomi, Pai de Santo Dario Henrique Pereira Júnior; Mãe de Santo Ana Carla da Silva, fundado em julho de 2021;
- ❖ 01 terreiro em Olinda - Jardim Brasil - Roça Oxum Opará Oxossi Ybualama - Mãe de Santo Luzia da Silva Jansen/Mãe Lú de Oxalá e Mãe de Santos Luziana Gomes da Silva/Mãe Mana de Xangô, Pai de Santo Severino Martiniano da Silva/Tata Raminho de Oxossi;
- ❖ 01 terreiro em Olinda - Guadalupe - Ilê Axé Oxum Karê; Mãe de Santo Maria Elizabeth Santiago de Oliveira/Mãe Beth de Oxum, Babalirixá: Pablo Oxaguian Santiago Barbosa, Terreiro começou suas atividades Culturais em 28/06/1998 e as Atividades Religiosas em 31/07/2008.



Quanto ao universo, adotamos como critério de escolha dos Terreiros: a) aceitar participar da pesquisa (destaca-se aqui o excelente acolhimento para nosso coletivo); b) que esteja com o Ponto de Cultura em plena atividade; c) realizar manifestações e/ou celebrações de Matriz Africana nas cidades de Recife e Olinda que concentram grande número de pessoas do candomblé e simpatizantes; d) integrar o coletivo de terreiros que receberam financiamento da Lei Paulo Gustavo;

Quanto aos atores de pesquisa convidamos 3 Mãe de Santo e 2 Ekedes. Totalizando 5 mulheres de terreiro em cada um desses espaços sagrados, que no caso a pesquisa terá 15 atores. Para escolhas das Mulheres de Terreiro estabelecemos como critério: a) aceitar participar da pesquisa; b) ter 7 anos de Mãe de Santo - Decá de 7

anos; d) participar ativamente das atividades do Ponto de Cultura do Terreiro; e) organizar e realizar práticas junto as crianças, jovens, adultos e idosos; f) participar de Grupos de Mulheres de Terreiro e/ou Coletivo de Movimento Negro; g) participar nos últimos 3 anos das Celebrações de seu Terreiro; h) participar dos Toques aos Orixás a cada mês em seu terreiro ou mesmo em outro; i) ser Mãe de Santo e/ou Madrinha de Santo tendo participado do Ritual Ôbory.

Referencial Teórico

Compreender a relevância dessas práticas significa reconhecer as mulheres de terreiro, seres pensantes, que se apropriam de saberes oriundos de raízes da ancestralidade e constroem seu protagonismo no universo da Educação Antirracista. Historicamente, estudos e pesquisas de pensadores crítico-reflexivos da Educação Antirracista, afirmam ser possível aflorar concretamente os princípios dessa Educação, mediante a simbologia, fundamentos, giras e crenças, no som, no tom, o reconhecimento da diversidade em cada palavra, atribuindo sentido e significado aos corpos negros que, na maioria, participam das práticas nutridas pelo contexto político-sociocultural que vivem. “Pois, refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, prestar atenção, analisar com cuidado” (Saviani, 1986, p. 33)

Esta constatação é visível quando essas mulheres no chão sagrado informam e denunciam sobre o racismo, estudam o racismo no Brasil em relação à presença de negros, de negras e do candomblé nos quinhões brasileiros. Como escreve a escritora negra historiadora na sua obra sobre o racismo no Brasil:

[...] a percepção da ineficácia do racismo científico demorou para acontecer. O que observamos a partir de 1859 é a difusão de uma compreensão que se va cada vez mais científica, embora numa seletiva não apenas a inferioridade de grupos humanos a partir das características biológicas inata, mas também assegurava que mesmo entre os grupos tidos em mais alta conta (os brancos) existiriam diferenças significativas. (Santos, 2022, p. 13)

Em relação a essa luta e enfrentamentos das mulheres destaca-se uma questão colocada por Lima (2020, p. 41):

[...] o que diniz e beauvoir têm em comum além de seus onomásticos? ambas são mulheres. As duas, igualmente, não se calaram frente às opressões que enfrentaram. beauvoir, no século passado inovou o discurso feminino ao afirmar “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”; enquanto diniz, ao ver o Brasil condenado a indenizá-la por crime de racismo, pronunciou: “as pessoas têm de correr atrás dos direitos dela. A nossa moral em primeiro lugar, se acontecer e não fizer nada, vai sempre acontecer. As pessoas vão sempre pisar”.

A Rede de Mulheres de Terreiro é um exemplo concreto dessa postura antirracista, com sabedoria e sapiência cultivada no chão do terreiro, essas mulheres concebem a negritude com dignidade, pertencimento e encontrar soluções de superação do convívio perverso na realidade racista e segregadora que teima em não enxergar a valorização negra e tirar a visibilidade dessa população de religiosidade matriz africana.

É fascinante observar como as mulheres de terreiros lideram esses espaços, desempenham um papel tão importante na sociedade brasileira. Essas mulheres cultuam as tradições culturais de matriz africana são preservadas e valorizadas. As “macumbeiras”, como são conhecidas, são figuras de grande respeito e influência dentro de suas comunidades.

Essas mulheres não só mantêm viva a herança espiritual e cultural de matriz africana, como também oferecem apoio e orientação para aqueles que enfrentam discriminação e marginalização. Atuam como líderes comunitárias, conselheiras e curandeiras, num espaço seguro e acolhedor para aqueles que se sentem excluídos pela sociedade. A resistência das “macumbeiras” às opressões históricas e sua capacidade de promover inclusão e solidariedade são exemplos poderosos do papel transformador que a religião e a cultura podem desempenhar na luta contra a desigualdade e a injustiça social.

Ancorada nesta percepção e teoria crítico-reflexiva destacamos em nossa pesquisa pensadores como: Botelho(2010); Boulitreau(2023); França(2023); Freire(2007); Gomes(2021); Lima(2020); Saviane(1986); Santos(2002); Santos(2022); dentre outros estudiosos que se debruçam nas veredas do conhecimento teórico-metodológico. Este estudo se constitui, com dialogicidade, pela articulação acadêmico-político-social entre universidade e sociedade. Esses estudiosos crítico-reflexivos se destacam por sua abordagem questionadora em relação ao conhecimento, buscando

entender e, nos fazendo entender, as nuances, os contextos e as implicações mais profundas.

Nos estudos sobre Educação Antirracista, a postura reflexiva é fundamental, o que significa aprofundar, constantemente, as ideias, princípios, pressupostos, concepções que se configuram como eixos norteadores para que os estudos crítico-reflexivos – sobre o racismo e sua face predadora contra a população negra – visitem e revisitem estudantes e contribuam para desconstruir preconceitos e chegar a conclusões e formar opiniões.

Dessa forma, as contribuições advindas da base crítico-reflexiva provoca a descolonização da mente para o avanço do conhecimento nas diferentes áreas, pois as análises críticas e reflexivas afloram *insights* inovadores e descobertas significativas para realizar transformações e mudanças para uma sociedade que valoriza igualdade social, num processo de civilização, identidade, interação, também, do corpo negro.

Nesta perspectiva de vinculação da Educação Física com a Educação Antirracista se consolida as expressões da cultura corporal como linguagem e as expressões da cultura afro-brasileira para o da História da África e dos negros no Brasil, a primeira, por volta da década de 1970, como componente curricular que foi inserida pela LDB 5.692/71 no campo denominado comunicação e expressão, a segunda pela Lei 10.639/2003, no campo das relações sociais, ambas com sentido obrigatório.

A Cultura Corporal proposta teórico-metodológica de ensino-aprendizagem da Educação Física, elaborada pelo Coletivo de Autores (1992) com base em um documento propositivo de ensino outrora elaborado para a rede estadual de Pernambuco, quando houve o incentivo à produção de uma série de livros sobre metodologia de ensino, constituindo-se ainda como uma das referências simbólicas e representativas para a sistematização e o trato pedagógico do referido componente curricular na escola (Boulitreau, 2023, p.21).

A Educação Antirracista reforça a luta antirracista e questiona as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos e comportamentos discriminatórios, a resignificação dos termos raça e etnia como categorias de análise e no sentido estritamente político, a superação do etnocentrismo eurocêntrico, a discussão do tema por toda a comunidade escolar e a perspectiva da interculturalidade em educação ou, como afirma o documento do CNE[...] (Oliveira e Candau, 2010, p. 33).

Enraizada pelas gestualidades da cultura corporal como linguagem, a Educação Antirracista imprime linguagens política, cultural, social e historicamente construída, voltadas para a afirmação da diversidade cultural e da materialização das relações étnico-racial recheadas de formas e representações simbólicas vividas pelo conjunto de mulheres de terreiro ávidas por compartilhar os ensinamentos cânticos, danças, linguagens, zelos e fundamentos, historicamente criados e culturalmente desenvolvidos pelo povo afro-brasileiro.

No Brasil, com a publicação da Lei n.º 10.639/2003 para Educação Básica e Ensino Superior com a inclusão da Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, ampliaram-se estudos, pesquisas, e foram implementadas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Contudo, temos como ponto de partida do racismo estrutural para abordar as Educação das Relações Étnico-Raciais. Pois, o racismo divide e estabelece hierarquia de forma perversa nas relações sociais, não reconhecendo o negro e a negra com dignidade e respeito:

A tese é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. E suma, o que procuramos demonstrar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de normalidade” (Almeida, 2018, p. 15-16)

Quando nos referimos as reflexões do autor acima, consideramos que as IES incluíram em seu PPP, por conta do Decreto Lei, nos remetemos a pensar no racismo estrutural que legaliza o racismo institucional.

Na UFPE, por exemplo, o Curso de Licenciatura em Educação Física, oferta no seu currículo a Disciplina Educação Física e Diversidade Étnico Racial na Escola, tomando-a como disciplina eletiva com as penas 45 horas, atendendo o dispositivo legal e, em cada semestre um novo(a) docente a ministrava, o que dá indícios de que o racismo institucional está presente. Pedagogicamente, consideramos que a referida disciplina tem o compromisso com as manifestações da cultura corporal como linguagem; políticas afirmativas e o papel das universidades; a Educação Antirracista e seu princípios constitutivos que orientam a correlação de forças e poder.

O que significa que a Lei n.º 10.639/2003 está sendo executada para atender esse Decreto, pois, “no discurso a realidade é uma e no cotidiano educacional a realidade é outra”. Neste diálogo, compreendemos que a existência da crise da *legitimidade* que se materializa no sistema educacional que uma dada condição político-sócio-educacional deixa de ser consensualmente aceita.

Vale ressaltar que a Lei n.º 10.639/2003 é uma conquista da luta dos movimentos negros para gerar a implantação da Educação das Relações Étnico-Raciais. Centrada na Educação Antirracista, essa implantação tem por finalidade constituir iniciativas governamentais e/ou educacionais com o compromisso de assegurar nos universos da Educação Básica e do Ensino Superior, a dignidade, igualdade, diversidade. Durante as aulas da Disciplina Educação Física e Diversidade Étnico-Racial na Escola, realizamos debates sobre o papel das mulheres de terreiro, realizamos uma série de Rodas de Conversas, de Oficinas Temáticas e Aula de Campo com foco na Educação Antirracista.

Os movimentos negros têm desempenhado um papel fundamental na sistematização dessa disciplina, na promoção da igualdade racial e na denúncia do racismo estrutural. Fica evidente que suas lutas têm contribuído para chamar a atenção para questões como o racismo institucional, a violência policial contra pessoas negras, a falta de representatividade nos espaços de poder e a necessidade de políticas públicas que promovam a equidade racial.

Resultados e Discussão

A perspectiva antirracista reconhece a importância da vontade política de integração e igualdade racial. Essa abordagem não apenas reconhece a existência do racismo e suas ramificações nas estruturas sociais, políticas e culturais, mas também busca ativamente transformar essas estruturas para promover a justiça e a equidade.

Portanto, vislumbramos com esta pesquisa, de base etnometodológica, considerar as relações interpessoais que perpetuam o racismo e a desigualdade racial. Isso requer um compromisso político e prático com a transformação das instituições, das políticas públicas e das narrativas culturais, visando construir um mundo justo, inclusivo e igualitário para todos.

Com esta pesquisa, dialogando com nossa base epistemológica, compreendemos a real importância de analisar as práticas das mulheres de terreiro é crucial para

compreender as manifestações culturais afro-brasileiras e identificar os princípios da Educação Antirracista presentes nessas práticas. Ao examinarmos suas práticas, desejamos identificar diversas características que refletem princípios da Educação Antirracista, como a valorização da ancestralidade, a memória coletiva, o acolhimento e empoderamento.

Além disso, buscamos revelar a expressão da cultura corporal como linguagem por meio de entrevistas narrativas e observação das práticas das mulheres de terreiro, pois através dos corpos que dançam na gira, elas comunicam e ritualizam suas crenças, valores e identidades culturais. A dança, por exemplo, é frequentemente utilizada como uma forma de conexão espiritual e expressão artística nas cerimônias religiosas afro-brasileiras, incorporando gestos, movimentos e ritmos que são profundamente enraizados na herança africana e, na essência tem uma estreita relação com as práticas culturais como linguagem.

Considerações Finais

Portanto, com esse estudo almejamos coletar dados para ser possível reconhecemos e valorizarmos as práticas das mulheres de terreiro e, também fortalecermos nossa compreensão sobre as complexidades das experiências dessas mulheres na luta contra o racismo e na busca por justiça social e igualdade.

É uma pesquisa importante por buscar reconhecer a dinâmica das práticas das mulheres de terreiro para assim analisar as manifestações culturais afro-brasileiras vividas pelas mesmas junto à comunidade e identificar que princípios da Educação Antirracista estão presentes em suas práticas. Entendemos, assim que os indícios quando da materialidade de suas práticas afloram de forma transparente a expressão da cultura corporal como linguagem. Neste contexto teórico-metodológico, as mulheres dos terreiros emergem como atores centrais devido ao seu papel essencial nas comunidades religiosas afro-brasileiras. Suas interações sociais são complexas, frequentemente marcadas por tensões, enquanto buscam afirmar suas identidades étnico-raciais e promover a diversidade cultural de seus saberes afro-brasileiros.

Esta pesquisa visa, portanto, proporcionar voz e visibilidade a essas mulheres, reconhecendo seu papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária de reconhecimento de seus conhecimentos e saberes. Assim, contribui para o fortalecimento da identidade étnico-racial e cultural das comunidades afro-brasileiras.

Ao ser inserida nos estudos acadêmicos sobre Educação Antirracista tem um papel crucial no aprofundamento do nosso entendimento das dinâmicas sociais, culturais e políticas que sustentam a discriminação racial e de políticas mais eficazes no combate ao racismo e na promoção da diversidade e inclusão.

Vislumbra gerar, junto aos movimentos negros, aos cursos que implementaram a Disciplina Relações Étnico-Raciais uma pressão para que o Estado adote medidas concretas no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial. Isso inclui desde a implementação de cotas raciais em universidades e concursos públicos até a criação de programas destinados à valorização da cultura afro-brasileira e ao enfrentamento do racismo nos ambientes escolar, universitário e no mercado de trabalho. Essas medidas representam uma resposta tangível às demandas por justiça racial e são passos importantes na construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva para todos os seus membros.

Referências

ALMEIDA, Silvio L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.

BOULITREAU, Paula Roberta Paschoal. **Linguagem em aquisição nas aulas de Educação Física Escolar na Educação Infantil.** Tese (Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco. Recife-PE: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, 2023.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** SP: Cortez, 1992.

COULON, Alain. **Etnometodologia e Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NASCIMENTO, W. Flor do; BOTELHO, D. Colonialidade e Educação: O currículo de filosofia brasileiro entre discursos coloniais. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 14 p. 66-89, maio-out., 2010.

FRANÇA, T. L. de. **Lazer Corporeidade Educação: o saber da experiência cultural em prelúdio.** Natal-RN. Tese (Doutorado em Educação) . Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

GOMES, Nilma L. **Educação antirracista:** caminhos abertos pela Lei nº 10.639/03/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005.



LIMA, D. M. S. **Corpos negros, linguagens brancas: o mito da boa aparência.** Curitiba: Appris, 2020.

SANTOS, H. Uma avaliação do combate às desigualdades raciais no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente - Contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2022.

SAVIANI, D. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1986.